

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIEL NEPOMUCENO ANTUNES DE OLIVEIRA

O RISO QUE EMERGE DAS SOMBRAS:
EGO E SOMBRA NA RELAÇÃO ENTRE BATMAN E CORINGA

SÃO PAULO

2018

GABRIEL NEPOMUCENO ANTUNES DE OLIVEIRA

O RISO QUE EMERGE DAS SOMBRAS:
EGO E SOMBRA NA RELAÇÃO ENTRE BATMAN E CORINGA

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do Professor Doutor Marcos Oreste Colpo.

SÃO PAULO

2018

AGRADECIMENTOS

Agradecerei aqui não apenas as pessoas que tiveram um envolvimento direto com este trabalho, mas também pessoas que de certa forma estiveram presentes em minha vida e assim me ajudaram a ser quem eu sou.

Começarei agradecendo a PUC e ao curso de Psicologia pelos anos de aprendizagem.

Agradeço ao meu orientador: Professor Doutor Marcos Oreste Colpo.

Agradeço a todas as minhas professoras de Psicologia Analítica, que através das aulas, conseguiram fazer com que eu admirasse esta abordagem e, em especial, à minha parecerista Rita Rosa.

Agradeço ao Seu Luiz, Dona Elza, Seu Hugo e Dona Dalila, meus avós. Pelos anos de carinhos, histórias e ensinamentos que jamais esquecerei.

Agradeço ao meu pai, Seu Luiz Caio. Por ser a nossa pilastra de sustentação, por sempre lutar por nós e sempre nos dar de tudo, sem nunca nos deixar faltar nada.

Agradeço a Dona Celia, minha mãe. Por ser minha companheira e amiga. Pelos carinhos e cuidados incondicionais e por sempre se doar sem nunca cobrar.

Agradeço as duas outras pernas do tripé, minhas irmãs: Natalia e Adriana. Por todos esses anos de companheirismo, conversas, brigas e risadas.

Agradeço ao meu gato, Tamborim. Pelos momentos de brincadeiras, que serviram para as procrastinações bem-vindas durante o processo de criação deste trabalho.

Agradeço a dois grandes amigos que a vida me deu desde sempre, meus companheiros de Piatã: Renato e Pedroka. Por todos esses anos de parceria, brigas e pazes.

Agradeço aos amigos que a vida no colégio me deu e que tenho muito orgulho de ainda tê-los presentes, Thiago, Ivan, Vitor e Zen. Por todos os momentos de descontração e procrastinação. Além do meu amigo Chicão, pelos momentos divertidos que compartilhamos, os quais guardo até hoje em minhas lembranças.

Agradeço a pessoa mais especial que a vida já me deu, minha namorada, Isabella. Por sempre me apoiar, acreditar em mim e estar sempre do meu lado. Pelos momentos bons e ruins, pelas brigas e risos.

Agradeço ao meu coração, físico e figurativo. Por todos os momentos, experiências e ensinamentos que passei com ele.

Por fim, agradeço a Bob Kane, Bill Finger e Jerry Robinson. Por terem criado esses personagens tão fascinantes que admiro desde criança.

“Hahahaha”

(Coringa)

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivo principal analisar e interpretar duas histórias do universo do Batman: “Batman: A Piada Mortal” e “Batman: Asilo Arkham: Uma Séria Casa em um Sério Mundo”. Analisando Batman e Coringa frente aos conceitos da Psicologia Analítica de ego e sombra. Sendo assim, irei apresentar e dissertar sobre tais temas que servirão de base para análise interpretativa. O motivo desta pesquisa é poder mostrar como os conceitos da Psicologia Analítica iniciada por C. G. Jung podem se dar através da mídia, uma vez que histórias, filmes, músicas e contos servem como ótimas ferramentas para se fazer análises e interpretações, demonstrando de forma lúdica e descritiva conceitos aprendidos dentro da Psicologia, além de trazer à tona um compilado de vários autores importantes para os temas citados acima.

Palavras-Chave: Batman, Coringa, Ego, Sombra, Psicologia Analítica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
OBJETIVO	10
MÉTODO	11
EGO	14
SOMBRA	18
BATMAN E CORINGA	22
ANÁLISE	25
BATMAN: A PIADA MORTAL	25
BATMAN: ASILO ARKHAM: Uma Séria Casa em um Sério Mundo	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

“Algo que ocultávamos nos enfraquecia, até percebemos que esse algo éramos nós mesmos.”

(Robert Frost)

Foi durante seu período universitário que C. G. Jung fez suas primeiras observações sobre a Sombra, através de um sonho:

“Nessa época, tive um sonho inesquecível, que ao mesmo tempo me aterrorizou e me estimulou. Era noite em um lugar desconhecido, e avançava sozinho e com muita dificuldade contra um poderoso furacão. Ao longe, se estendia a névoa. Eu mantinha e protegia com ambas as mãos uma pequena luz, que ameaçava se apagar a cada instante. Porém, tudo dependia que eu mantivesse viva essa luzinha.

Logo tive a sensação que algo me seguia. Olhei atrás de mim e vi uma enorme figura preta que avançava às minhas costas. Entretanto, no mesmo momento me dei conta - vejam meu espanto - de que deveria salvar minha pequena luz, alheia a todo perigo, mesmo da noite e da tormenta.

Quando acordei, logo em seguida o vi, claro como o dia: era o espectro de minha própria sombra sobre a névoa, dando voltas na pequena luz que levava diante de mim. Também sabia que a luzinha era minha consciência; é a única luz que tenho. Meu próprio conhecimento é o principal tesouro que possuo. Certo que é infinitamente pequeno e frágil frente ao poder da noite, mas uma luz ao fim, minha própria luz.

Esse sonho significou para mim uma grande revelação: agora sabia que a número 1 era a que levava a luz, e que a número dois lhe seguia como uma sombra. Minha tarefa consistia em conservar a luz e não olhar para trás, para a vida que se passou, que evidentemente era um reino proibido de luz de outro tipo. Eu devia avançar contra a tormenta que me fazia retroceder e entrar na infinita

escuridão do mundo, onde não se vê nada, nem se percebe nada mais que a superfície dos profundos mistérios.” (Jung, 2001, p.110).

Jung, nesse primeiro momento, percebeu que todos nós temos uma sombra que está sempre beirando a pequena luz da consciência. Mais tarde, junto a Freud, Jung começou a usar a expressão ‘o lado da sombra na psique humana’ para caracterizar ‘desejos não reconhecidos’ e ‘porções reprimidas da personalidade’ (Zweig & Abrams, 1991, p.27).

“Este estranho conhecido em psicologia como a sombra, somos nós - e, ao mesmo tempo, não é. Escondida da percepção, a sombra não é parte da auto-imagem consciente. Parece surgir de repente, vinda do nada, trazida por uma gama de comportamentos que vai desde brincadeiras de mau gosto até abusos devastadores. Quando ela surge, parece uma visita indesejada, que nos deixa envergonhados e mortificados.” (Zweig & Wolf, 2000, p.14)

Portanto, como podemos ver, a sombra faz parte de nós, um nós que não queremos entrar em contato, pois este traz coisas que não queremos aceitar, que rejeitamos e consideramos errado. A sombra vive à espreita do ego, esperando para vir à tona e se tornar presente. O ego, por sua vez, é o que somos enquanto consciência, nossas crenças, identidade social e cultural; é como nos mostramos para o mundo. Ele é formado através de nossas vivências sociais, culturais e pessoais, onde, ao longo da vida, tudo o que tomamos como errado diante desse ego vai para nossa sombra e fica lá de forma inconsciente.

Essa luta entre o ego e a sombra é que será usada para dissertar sobre duas histórias em quadrinho do universo do Batman, onde terei como objetivo analisar essa relação, usando o envolvimento do Batman com o Coringa e vice-versa. Assim, poderei demonstrar e analisar de forma narrativa e lúdica o movimento e o jogo que há entre o ego e a sombra/Batman e Coringa.

As duas histórias usadas serão “Batman: A Piada Mortal” e “Batman: Asilo Arkham: Uma Séria Casa em um Sério Mundo”. Ambas as histórias foram escolhidas

por narrarem bem essa relação e, com isso, poder descrever bem o desenrolar das tramas usando os conceitos apontados. Além disso, poderei demonstrar e explicar melhor o porquê de Batman e Coringa terem essa relação tão complexa desde que foram criados.

Ambos são um símbolo da cultura pop e essa relação já foi explorada das mais diversas maneiras, seja nos quadrinhos, jogos e/ou nos filmes, onde o personagem do Coringa já chegou a ser interpretado por Jack Nicholson, em 1989 e mais tarde por Heath Ledger, este chegando até mesmo a ganhar um Oscar póstumo por sua interpretação no filme “Batman: O Cavaleiro das Trevas” de 2008. Tudo isso graças à complexidade dessa relação: ao mesmo tempo em que são totalmente opostos, se complementam, além das características fortes e marcantes de cada um desses personagens.

Desde pequeno sou apaixonado pelo universo de super-heróis, quadrinhos e aventuras fantásticas e ambos os personagens me fascinam desde criança. Poder analisá-los de forma tão profunda, usando a Psicologia Analítica para isso é algo divertido, desafiador e interessante.

OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo dissertar e compilar conteúdos de autores famosos da Psicologia Analítica que falem sobre ego e sombra, para poder então analisar o envolvimento do Batman com o Coringa e vice-e-versa. Assim poderei demonstrar e descrever de forma narrativa e lúdica o movimento e o jogo que há entre o ego e a sombra/Batman e Coringa.

MÉTODO

Para que o objetivo seja alcançado, procurei autores que tratassem da relação Ego e Sombra e a importância deles para nossa psique. Além de Carl Jung, fundador da psicologia analítica, busquei pesquisadores contemporâneos que tratam sobre o tema, a fim de entender a forma com a qual se trabalha a relação persona-sombra atualmente.

Sendo assim, a presente pesquisa aconteceu de forma bibliográfica e exegética. Segundo Marconi e Lakatos (2002), não é uma repetição do que já foi escrito, mas uma compilação de autor(es) sobre determinado tema que permite a exploração deste, sob novo enfoque. Este tipo de método ajuda a entrar em contato com o que já foi dito sobre o tema (PÁDUA, 2000). Deste modo, pode-se pensar a pesquisa bibliográfica como uma alternativa à análise de casos clínicos:

"O objeto de pesquisa, nota-se bem, é aqui constituído por textos, e não por aquilo que se costuma designar como 'material clínico'. Mas trata -se de textos bastantes particulares, na medida em que buscam descrever, conceituar e explicar um universo de fenômenos que, em última instância, remetem à - quando não são diretamente originados pela - situação analítica." (MEZAN, 1993, p.54)

O processo de pesquisa acontece através da dúvida; alguém que se questiona como algo acontece no mundo. Quando tratamos da pesquisa em psicologia, cujo objeto de estudo é o ser humano, podemos observar que "o comportamento humano, diferentemente dos objetos físicos, não pode ser compreendido sem referência aos significados e propósitos atribuídos pelos humanos às suas atividades" (PENNA, 2004, p.79 *apud* DENZIN e LINCOLN, 1998). Deste modo, a pesquisa em psicologia envolve principalmente a compreensão do ser, sua relação com o mundo e seus aspectos psicológicos, como traz Penna (2009, p.57):

“[a pesquisa em psicologia analítica traz] uma concepção de ciência e de produção de conhecimento distinta daquela adotada pela ciência moderna, e conseqüentemente seu método de investigação é notoriamente distinto do método experimental praticado pelo paradigma lógico-positivista.” (PENNA, 2009, p.59).

Assim, podemos dizer que, a partir do momento em que o pesquisador escolhe seu tema, estabelece-se um vínculo entre objeto de estudo e pesquisador, fazendo com que o tema se constele como um símbolo para o pesquisador (PENNA, 2007).

Entretanto, a pesquisa em psicologia analítica, como proposta por Jung, se encontra na contramão do positivismo e da pesquisa quantitativa, pois ele dizia que a investigação psicológica precisa ser interpretada com um viés simbólico e não apenas descritivo, cujo objetivo seria a mensuração dos fenômenos (PENNA, 2009). Assim, a pesquisa em psicologia analítica pode ser descrita como qualitativa, caracterizada por uma abordagem compreensiva e interpretativa dos fenômenos, como esta. Devemos destacar que, para Jung, todos os fenômenos existem em seus aspectos conscientes e inconscientes e que cada aspecto da totalidade está ligado a todos os outros, tornando o mundo ou o fenômeno dinâmicos (PENNA, 2009, p. 73). Ou seja, apesar de Batman e Coringa apresentarem-se como opostos de um mesmo fenômeno, ao mesmo tempo estão intimamente ligados em ambos seus aspectos conscientes, inconscientes, psique, corpo, indivíduo, natureza e cultura, tornando-os, portanto, um par com infinitas possibilidades de análise, interpretação e leitura, uma das quais eu escolhi para apresentar neste trabalho: a relação Ego-sombra. Desta forma:

“A totalidade se define mais por um sistema de relações do que como um campo. [...] Como sistema de relações implica uma dinâmica multivetorial de interações e entrelaçamentos constantes entre todos os elementos que compõem a totalidade, num processo de diferenciação e integração das partes rumo a uma complexidade crescente. Essa dinâmica opera tanto no plano individual do ser humano como no âmbito coletivo da humanidade - cultural e histórico.” (PENNA, 2009, p.74-75).

A abordagem da psicologia e o tipo de pesquisa escolhidos foram determinados ao longo da minha graduação, uma vez que sempre me interessou a forma com a qual a psicologia analítica encara os diferentes desafios contemporâneos. O tema, todavia, foi determinado muito antes, já que demonstro interesse por histórias em quadrinhos e a relação dual entre Batman e Coringa desde criança.

Ao longo da pesquisa, foi feito um compilado de textos e artigos sobre ego e sombra, além de uma abordagem sobre os conceitos de Consciente e Inconsciente, juntando diversos autores ao longo dos anos. Deste modo, usei tais conceitos para analisar e descrever a relação entre Batman e Coringa, bem como alguns outros elementos demonstrados em duas grandes histórias que envolvem os dois personagens: “Batman: A Piada Mortal” e “Asilo Arkham: Uma Séria Casa em um Sério Mundo”, que demonstram bem as relações entre os dois e consigo mesmos.

Portanto, ao longo do trabalho, usei dois capítulos para falar sobre ego e sombra, separadamente e respectivamente, então contei um pouco mais sobre a história dos dois personagens, Batman e Coringa, ao longo dos anos, desde a criação deles, para então poder entrar nas histórias em quadrinhos escolhidas. Analisei cada uma delas separadamente, buscando demonstrar de forma clara como os conceitos explicados anteriormente se aplicam e se mostram na relação estabelecida entre os personagens. Por fim, fechei com uma conclusão sobre o que foi apresentado.

EGO

*“Talvez todos os dragões desta vida sejam princesas
à espera de ver-nos, belos e bravos.*

*Talvez o horror seja apenas no mais fundo do seu
ser, algo que precisa do nosso amor.*

(Rainer Maria Rilke)

Dentro do mapa psíquico descrito por Jung, há no centro da consciência o ego, que no latim significa “eu”.

“[...] a consciência do ego é uma característica primordial do território que ele estava explorando. [...] a consciência do ego é, per se, a condição prévia para a investigação psicológica. É a ferramenta. O nosso conhecimento como seres humanos sobre qualquer coisa é condicionado pelas capacidades e limitações da nossa consciência.” (Stein, 2006, p.21).

Como podemos ver, somos definidos pelo nosso ego. Ele é o nosso meio de investigação, por onde acessamos outras áreas da nossa psique. Para Jung, o ego é definido da seguinte forma:

“Entendemos por ego aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É esse fator que constitui, por assim dizer, o centro do campo da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o ego é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa.” (Stein apud Jung, 2006, p.23).

É esse ego que nos dá a percepção de quem somos, ele é o centro da nossa consciência, onde acessamos nossos desejos, sentimentos, reflexões, vontades, moral, conceitos e ações. O ego é como uma ponte de acesso, tudo passa por ele. Algo só se torna consciente para nós quanto é assimilado pelo ego, assim como nossos conteúdos inconscientes, que só passam a ser conscientes quando o ego toma conhecimento deles.

Porém, o ego é apenas um “sujeito” que ocupa o centro da consciência, e é através dessa consciência que temos conhecimento e entendimento do mundo externo e interno, é a consciência que nos faz presente ao mundo, nos mantém despertos, atentos, observadores e tendo a capacidade de registrar tudo o que acontece à nossa volta. Essa consciência não é restrita aos seres humanos, ela está presente em todos os seres vivos, assim como não há distinção entre adultos e crianças quando se trata da consciência. Ela se dá pela percepção do mundo à nossa volta e dos outros, não depende da visão, ela está presente em todos os nossos sentidos, desde que nascemos e passamos a tomar consciência das coisas através do tato, paladar, olfato, audição e visão. Estar vivo é estar consciente.

Ao longo da vida, vamos nos desenvolvendo e com isso vamos preenchendo nossa consciência com conteúdos aprendidos e vividos “e a consciência procede o ego, o qual se converte, em última instância, no seu centro.” (Stein, 2006, p.25). O ego tem como uma das suas principais funções a de filtrar os conteúdos da consciência, separando o que lhe agrega e, o que não lhe pertence, se torna alimento para o inconsciente. Porém, o ego também é o responsável por poder acessar esses conteúdos que foram rejeitados, se estes não estiverem inacessíveis no inconsciente. O ego pode fazer com que esses conteúdos reprimidos sejam elaborados e deixem de ser inconscientes, os agregando à consciência, nos mantendo organizados e centrados. Um ego forte é capaz de manipular com mais facilidade conteúdos internos e externos sem se alterar; já um ego mais fraco pode acabar se perdendo para conteúdos internos do inconsciente e do mundo à sua volta. Isso nos mostra também o quão limitado é o ego, podendo ser influenciado e se perdendo facilmente devido a estímulos internos ou externos.

“O ego pode responder a um estímulo ameaçador pegando em armas e defendendo-se; ou pode ser ativado e estimulado por um irresistível impulso interior para criar, amar ou desejar vingar-se. Também pode reagir a um impulso do ego – isto é, de um modo narcisista. Pode, assim, ver-se dominado por uma necessidade de vingança, por exemplo.” (Stein, 2006, p.28).

Portanto, podemos ver que o ego pode facilmente ser afetado, uma vez que ele é, em grande parte, regido pela racionalidade e orientado para a realidade. Nas camadas mais profundas é que estão nossas emoções e conflitos, sendo estas as que estão mais próximas do inconsciente. A extensão do ego coincide com a da psique, porém o ego está restrito apenas ao campo da consciência, enquanto a psique abrange também o campo do inconsciente, apesar de ficar restrita a um limite, que é até onde os estímulos e conteúdos em volta se tornam inacessíveis, não podendo mais serem conscientemente experimentados (Stein, 2006).

Jung chega a estabelecer também um limite mais “físico” para o ego, que é quando este chega a esbarrar com o que lhe é desconhecido, o que ele ignora ou não aceita junto a ele na consciência.

“O desconhecido se divide em dois grupos: o concernente aos fatos exteriores que podemos atingir por meio dos sentidos, e o que concerne ao mundo interior que pode ser objeto de nossa experiência imediata. O primeiro grupo apresenta o desconhecido do mundo ambiente, e o segundo, o desconhecido do mundo interior. Chamamos de inconsciente a este último campo.” (Jung, 2013, p.13).

Em Aion – estudo sobre o simbolismo do si-mesmo (2013) –, Jung descreve que o ego é constituído por duas bases estruturais, sendo elas: somática e psíquica. Essa base somática se dá na totalidade das sensações da natureza endossomática, sendo ligadas diretamente ao ego e ao inconsciente. Grande parte dessas sensações e estímulos ultrapassam a consciência e são processados apenas pelo inconsciente. Já na base psíquica, o ego se apoia no “campo da consciência global, e, do outro lado, sobre a totalidade dos conteúdos inconscientes.” (Jung, 2013, p.14). Então, ele divide em três grupos diferentes:

“[...] (1) o dos conteúdos temporariamente subliminares, isto é, voluntariamente reproduzíveis; (2) o dos conteúdos que não podem ser reproduzidos voluntariamente, e (3) o dos conteúdos totalmente incapazes de se tornarem conscientes. Pode-se deduzir a existência do grupo número 2, dada a ocorrência de irrupções espontâneas na

consciência de conteúdos subliminares. O grupo número 3 é hipotético, isto é, uma decorrência lógica dos fatos que estão na origem do segundo grupo: quer dizer, este grupo encerra conteúdos que ainda não irromperam ou jamais irromperão na consciência.” (Jung, 2013, p.15).

Stein (2006) aponta ainda que esse mesmo ego pode, eventualmente, acabar se dissociando da consciência, uma vez que estamos muito focados em algo e acabamos deixando outras funções para a consciência habitual. Acrescenta ainda que esse ego pode crescer e se fortalecer mesmo em momentos mais recuados da consciência, como na infância.

“Embora as suas bases sejam relativamente desconhecidas e inconscientes, psíquicas ou somáticas, o ego é um fator consciente por excelência. É mesmo adquirido, empiricamente falando, ao longo da vida do indivíduo. Parece surgir, em primeiro lugar, da colisão entre o fator somático e o meio ambiente, e, uma vez estabelecido como sujeito, contundia a desenvolver-se em consequência de sucessivas colisões com os mundos exterior e interior.” (Stein apud Jung, 2006, p.34)

Logo, são os conflitos que fazem o ego crescer e se fortalecer, as dificuldades e enfrentamentos que passamos ao longo da vida nos ajudam a elaborar nossos conteúdos e a ter uma relação melhor com nós mesmos. Porém, existem casos em que tais “colisões”, como coloca Jung, podem ser prejudiciais, como traumas na infância, onde em vez de se ter um ego fortalecido, acaba se tendo um ego comprometido, frágil e vulnerável. Mesmo que o tempo passe e o ego acabe jogando tais experiências para o inconsciente, essas memórias podem futuramente acabar vindo à tona de diversas maneiras diferentes, causando sérios danos ao ego.

SOMBRA

“Deixai toda esperança, ó vós que entráis.”

(Dante Alighieri)

Todos nós temos uma sombra que representa todos os nossos conteúdos internos que rejeitamos. Tudo aquilo que não cabe ao nosso ego é jogado para nossa sombra, como se a sombra tivesse personalidade própria em nosso inconsciente, um “outro eu” inferior e reprimido, nosso lado negativo onde está tudo que, para nós, é desagradável ou inferior, tudo que queremos ocultar. Essa sombra é a parte de nossa psique inconsciente que está mais próxima da consciência, podendo emergir a qualquer momento se não olharmos para ela ao longo da vida (Zweig & Abrams, 1991).

Em Aion – estudo sobre o simbolismo do si-mesmo (2013) –, Jung descreve a sombra da seguinte maneira:

“A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendar energias morais. Mas nesta tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade. Este ato é a base indispensável para qualquer tipo de autoconhecimento e, por isso, em geral, ele se defronta com considerável resistência. Enquanto, por um lado, o autoconhecimento é um expediente terapêutico, por outro implica, muitas vezes, um trabalho árduo que pode se estender por um largo espaço de tempo.”
(Jung, 2013, p.19~20)

Grande parte dos nossos traços e conteúdos que constituem a sombra são de natureza emocional, podendo ser do tipo possessivos ou obsessivos. Essas emoções aparecem e demandam uma grande energia psíquica, fazendo com que o indivíduo sucumba a essas emoções de maneira descontrolada, uma vez que este não sabe de onde vem essas emoções ou como lidar com elas, já que nunca estiveram presentes a ele de forma consciente. Para que isso não aconteça, é

necessário estar bastante atento aos sinais, já que a sombra pode se projetar de maneiras bem sutis, como o uso de sarcasmos ou ficar de mau humor quando somos confrontados de alguma maneira. Esse confronto muitas vezes pode bater de frente com alguma característica presente na sombra; em outros momentos podem vir de maneira avassaladora, como um comportamento vicioso ou em forma de psicose.

“A sombra é um mestre exigente: requer paciência infindável, instintos afiados, boa discriminação, e a compaixão de um Buda. Exige que um olho se volte para o mundo da luz enquanto o outro observa o mundo da escuridão.” (Zweig & Wolf, 2000, p.16).

Devemos aprender a nos conhecer e perceber quando somos atacados por essa sombra, devemos estar abertos para quando esses conteúdos apareçam, para podermos ajuda-los a sair e se integrarem com a consciência. Esse trabalho é um processo longo, pois, sempre que puder, a sombra vai recuar e esperar outro momento para invadir nossa consciência. Só que quanto mais trabalharmos isso, menor será a energia usada e fará com que o processo se torne permanente.

Von Franz (1985) coloca como essencial esse cuidado de olhar para a sombra, nela podemos encontrar conteúdos tanto pessoais, quanto do meio coletivo e, quando temos os primeiros contatos com a sombra, quase nunca conseguimos diferenciar se esses conteúdos são realmente de um ou de outro. O maior problema, citado por ela, não é o reconhecimento da sombra e sim expressá-la e integrá-la na consciência. Geralmente essa integração pode acabar mudando a pessoa, pois o ego estará diferente, mais consciente, e isso pode acabar afetando outras pessoas em volta. A falta de aceitação nesse “novo eu”, às vezes, pode acabar causando conflitos para a pessoa que está integrada à sua sombra. Deixar a sombra livre nem sempre é bem visto, embora exija bastante coragem e é importante para não ser surpreendido.

Robert Bly, em “Ao Encontro da Sombra” (Zweig & Abrams, 1991), descreve a sombra como uma comprida sacola que todos nós arrastamos durante toda a nossa vida. Essa sacola passa a crescer logo nos primeiros anos de vida, quando notamos que nossos pais não aceitam certas atitudes, e então passamos a adotar as

posturas que lhes agradam e guardamos as outras. O mesmo acontece na sociedade, na escola, na cultura onde somos inseridos. Somos bombardeados de certos e errados que vamos adotando ao nosso ego e o “errado” jogamos para essa grande sacola que carregamos. Quando alcançamos a fase adulta, temos apenas um pequeno pedaço de tudo que absorvemos, uma parte elegante e socialmente aceita e todo o resto está espremido nessa sacola que chamamos de sombra. O grande perigo da sombra é quando a lacramos e ficamos sem revirar essa bolsa por muitos anos. Quando essa bolsa se rompe, o que encontramos são todas as coisas ruins para nós, nosso lado mais sombrio, nossa sexualidade reprimida, nossa agressividade latente, nossa liberdade. Um dos casos mais famosos em nossa literatura é a de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, O médico e o monstro, onde o Dr. Jekyll era um grande médico, bem aceito pela sociedade, correto, cheio de restrições e reprimido contra seus impulsos. Já o Mr. Hyde, seu lado mais oculto, com quem ele passa a dividir seu corpo através de um remédio que toma, representa sua sombra. Todos os seus impulsos, sua sexualidade reprimida, os conceitos e caráter que julga imoral agora fazem parte dessa sua outra personalidade. Quando somos muito focados no ego e esquecemos de olhar para nós mesmos, para dentro, quando não reviramos essa sacola de tempos em tempos, estamos sempre sujeitos a ter essa bolsa rompida. Nossas sombras podem emergir a qualquer momento de nossas vidas, tanto alterando nossa personalidade, quanto se apresentando em forma de sintomas.

Como já falamos, a sombra é aquela parte reprimida de nossa personalidade, aquilo que em benefício do ego ideal fica oculto no inconsciente pessoal. Porém existe a possibilidade de a sombra ser positiva, uma vez que não nos adequamos com nossas qualidades positivas e nos identificamos com as negativas. Nesse caso, podemos chamar essa sombra de Sombra Positiva, pois ela passará a integrar nosso ego.

Edward C. Whitmont aponta três possíveis maneiras de reagirmos à nossa sombra: primeiro seria recusá-la, quando uma vez consciente, anulá-la de imediato sem entrar em contato; segunda seria nos omitir por ela e deixar que ela aja por livre e espontânea vontade; terceiro, integrá-la à consciência, torná-la parte de nós, fazendo com que haja equilíbrio no self.

O grande problema de anularmos a sombra e a trancarmos é que isso não irá anular seus efeitos, muito pelo contrário, transformará sua energia de forma negativa, na forma de complexos, projeções e compulsões. Essas projeções passarão a transformar nosso mundo e o modo como interagimos com o meio, podendo ficarmos cada vez mais reclusos. Essa projeção poderá se dar de duas maneiras: individualmente, onde atribuímos todo o mal a uma única pessoa ou no coletivo, que é sua forma mais geral, na forma de inimigo, demônio, tudo aquilo que há de errado.

A sombra, cedo ou tarde, precisará de um momento para ser legitimada. Quando isso acontece, temos a opção de escolher quando e onde permitiremos que ela se expresse, de forma construtiva e, quando não for possível segurá-la, contê-la, podendo amenizar seus danos dentro da consciência, uma vez que já sabemos o que ela quer dizer (Zweig & Abrams, 1991).

BATMAN E CORINGA

"I'm Batman!"

(Batman)

Que Batman e Coringa são dois personagens únicos e mundialmente conhecidos, isso é óbvio, uma vez que até quem não gosta desse universo pop, nerd ou geek, já ouviu falar deles e já os viu em algum lugar. Mas qual foi a origem desses personagens e como eles se tornaram o fenômeno que são, isso pouca gente sabe. Portanto, antes de entrar na análise das histórias, contarei um pouco sobre eles.

Batman apareceu pela primeira vez em 1939, na edição 27 da revista "Detective Comics", tendo Bob Kane como seu principal criador durante muitos anos e atualmente sendo creditado também a Bill Finger, como co-criador do personagem. Batman surgiu na tentativa de criar um personagem tão icônico quanto o Superman, que teve sua aparição pouco antes do homem-morcego, no primeiro volume da então recente revista Action Comics, também da Detective Comics Inc.

Kane teve como referências criativas seus interesses da época e, como ele deveria ser um herói semelhante ao Superman, Kane idealizou primeiro a ideia de asas, tendo como referência para desenhá-las o ornitóptero de Leonardo Da Vinci, o que fez com que fosse associado a um morcego. Para o uniforme, pegou como ideia o Zorro, bem famoso naquela época, então lhe acrescentou um pouco da personalidade dedutiva e o aspecto de detetive de Sherlock Holmes e D'Artagnan. Kane queria que ele fosse essencialmente um aventureiro e que usasse de técnicas investigativas para combater os vilões, tendo um senso de justiça muito forte.

A princípio, pouco havia sido criado sobre sua história e origem. Isto veio apenas na edição 33 da Detective Comics, onde Bill Finger foi essencial para ajudar a elaborar a história. Foi ali que vimos pela primeira vez a famosa história de Bruce Wayne, como um garoto, filho de pais milionários, que fica órfão quando presencia o assassinato de seus pais em um beco, sendo assassinados por um criminoso de Gotham, sua cidade fictícia. Atormentado pelo seu passado, Bruce resolve então lutar contra a injustiça e a proteger a pessoas de sua cidade e, para isso, acaba assumindo um alter-ego chamado Batman.

Quanto ao Coringa, este no começo não foi unanimidade na editora, sendo mantido pelos executivos da Detective Comics Inc. Sua estreia veio em 1940, no volume 1, quando Batman ganhou sua própria revista em quadrinhos, deixando de ser incorporado na revista Detective Comics.

Coringa foi criado por Bob Kane, Bill Finger e o desenhista Jerry Robinson. Há muita controvérsia sobre sua origem, sobre quem teve a ideia original, mas o fato é que foram duas grandes inspirações para a criação deste personagem: a primeira foi o ator alemão Hans Walter Conrad Veidt, quando fez o filme “O Homem que Ri” e em segundo, a carta de baralho do coringa, que foi apresentada em várias histórias como seu cartão de visitas.

Desde sua criação, Coringa sempre foi descrito como um assassino e ladrão sádico, beirando a psicopatia. Ao longo dos anos, sua relação com o Batman foi se tornando mais intensa, chegando a se tornar o maior vilão do Homem-Morcego, e até a ter uma dependência obsessiva, psíquica e afetiva por ele.

Muito foi criado sobre a história destes dois personagens, incluindo séries para a televisão, como a famosa e nostálgica série do ano de 1966, com Adam West interpretando Batman e Cesar Romero como o Coringa. Esta série ajudou a popularizar ainda mais o Batman, porém acabou fazendo com que o personagem fosse considerado como algo mais cômico pelo modo que a série o mostrava. Levaram-se alguns anos para que o Batman voltasse a ter um toque mais sombrio e maduro, o que aconteceu apenas em 1986, quando Frank Miller criou “Batman: The Dark Knight” para os quadrinhos. Miller trouxe uma concepção totalmente nova para o Batman, mostrando um lado mais sombrio e denso, onde este se encontra aposentado do manto do Homem-Morcego, já com mais de 50 anos e se vê tendo que voltar à ativa. Porém, o peso da idade nos mostra um Batman totalmente diferente, além de um Coringa também completamente repaginado, onde este se encontra internado no Asilo Arkham, sem nenhuma perspectiva de vida, sem nenhuma energia afetiva, completamente apático, uma vez que o Batman não mais existia. Quando então vê que ele voltou a combater o crime, recupera sua vontade, sua energia e volta a ser o vilão que sempre aterrorizou Gotham.

Essa história foi um marco para os quadrinhos do Batman e em outras mídias também, pois foi a partir dele que veio então o primeiro filme cinematográfico do personagem. Dirigido por Tim Burton, Batman, de 1989, nos mostrou um Batman

com uma temática mais obscura e gótica, toque tradicional do diretor. Michael Keaton assume o manto do Batman e Jack Nicholson, como já foi falado, interpreta o Coringa. O filme fez um grande sucesso e é até hoje lembrado pelos fãs, o que garantiu uma continuação em 1992, sem Jack Nicholson, porém ainda com Michael Keaton.

Graças a esses filmes dirigidos por Tim Burton, Batman ganhou sua primeira série animada, se tornando um clássico e adorada até hoje. Esta marcou não só pela bela animação, traços e caracterização dos personagens, mas também pela estreia de dois dubladores que viriam a ser imortalizados, como vozes referências do Batman, tendo Kevin Conroy como o dublador na versão americana e Mark Hamill, o Luke Skywalker de Star Wars, como Coringa. Ambos dublaram os personagens em diversas outras obras e são adorados pelos fãs até hoje, tamanha foi a originalidade que entregaram aos personagens animados. Aqui no Brasil, as vozes também ficaram marcadas de forma extremamente positiva, tendo Márcio Seixas como dublador do Batman e Darcy Pedrosa como dublador do Coringa.

As aparições de ambos os personagens não pararam por aí, vindo a ganhar novos filmes e novos atores, como na Trilogia de Christopher Nolan, que contou com Christian Bale como Batman e Heath Ledger como Coringa. Recentemente, tivemos Ben Affleck interpretando o Batman nos filmes do Universo da DC e Jared Leto como Coringa.

Outra versão marcante também foi a trilogia lançada para videogames, conhecida como a Trilogia Arkham, onde vemos uma versão única de Batman e Coringa, tendo suas vozes interpretadas novamente pelos dubladores clássicos americanos.

Inúmeros foram os arcos sobre os dois, contados nos quadrinhos, todos quase sempre bem marcantes e únicos, como: “Morte em Família”, “O Homem que Ri”, “A Morte da Família”, “Silêncio”, “Coringa”, “Batman: Noel”, etc. Aqui trataremos de duas específicas, sendo elas: “Batman: A Piada Mortal” de Alan Moore (2011) e “Batman: Asilo Arkham: Uma Séria Casa em um Sério Mundo” de Grant Morrison (2012).

ANÁLISE

“Os grandes momentos da nossa vida são aqueles em que temos a coragem de rebatizar a nossa maldade como o melhor que em nós existe.”

(Friedrich Nietzsche)

Como falado, serão analisados agora dois arcos de Batman, tendo como foco a interação entre Batman e Coringa, para poder então demonstrar como agem o ego e sombra através desses personagens.

Batman: A Piada Mortal (Moore, 2011) conta uma versão, própria e profunda, da origem do Coringa. Além dessa origem, há também um embate contra o homem-morcego, onde este tenta a todo custo chegar a uma conclusão derradeira com seu arqui-inimigo.

Batman e Coringa sempre foram opostos, porém, complementares. Nesse arco fica ainda mais evidente essa ligação e será isso que irei analisar.

Já em Batman: Asilo Arkham: Uma Série Casa em um Sério Mundo (Morrison, 2012) temos duas narrativas diferentes, uma em que se mostra Amadeus Arkham contando a origem do Asilo, este muito famoso dentro do universo de Batman, e a outra, no presente, mostrando o Batman tendo que entrar no Asilo cheio de loucos comandados pelo Coringa e percorrer seus labirintos enquanto enfrenta seus medos mais inconscientes.

BATMAN: A PIADA MORTAL

Primeiramente temos o Coringa, antes de se tornar quem conhecemos, levando uma vida normal, casado e prestes a ter seu primeiro filho. Ele tenta a todo custo levar uma vida honesta como comediante, porém, sempre acaba se frustrando. Ele demonstra insegurança e irritação consigo mesmo, mas sua esposa, Jennie, sempre o mantém positivo, acreditando nele. Eles levam uma vida dura, morando de aluguel em um quartinho e sempre atrasados com os pagamentos das dívidas. Em certo momento, cansado de ser pobre e só se frustrar, ele acaba aceitando um trabalho ilegal, onde ele ajudaria dois assaltantes a roubar uma

fábrica. Seu papel seria único e exclusivamente de usar uma máscara e guiar esses dois por dentro de uma antiga usina em que ele trabalhava. Com muito receio, ele acaba aceitando, pois lhe é prometido muito dinheiro e assim ele poderia dar a vida que sempre desejou para sua esposa e seu filho. No dia do assalto, antes de irem para o lugar, o personagem do Coringa acaba sabendo que sua esposa sofreu um acidente doméstico e veio a falecer junto com seu filho. Perdido e desolado, ele chega a cogitar não ir para o assalto, mas é intimado pelos dois assaltantes a comparecer. Durante a passagem pela usina em que ele trabalhava, acabam encontrando os seguranças de lá e então começam a correr. Os dois assaltantes são baleados e, quando ele se vê encurralado, avista o Batman indo de encontro a ele. Sua visão é embaçada, pois usava uma máscara toda vermelha e a última imagem que vê antes de se jogar num poço químico é a do homem-morcego em vermelho.

Aqui começa nossa primeira análise: na imagem em que mostra ele caindo no poço químico, ele mergulha profundamente num ambiente escuro e denso, quando emerge e remove a máscara, seu rosto está mudado e soa uma grande, desesperada e insana risada. Essa imagem é bastante simbólica. Podemos analisar esse mergulho profundo que ele dá, como se ele estivesse imergindo no seu inconsciente e entrando em contato com seu lado mais sombrio, sua própria sombra, onde guarda tudo aquilo que sempre rejeitou na vida. Tudo que ele tenta fazer ao longo de sua vida é se manter correto, acreditando que conseguiria alcançar seus objetivos se fosse honesto, mas acaba aceitando participar de um assalto por desespero e dá tudo errado: perde sua mulher, seu filho que viria a nascer e ainda acaba sendo perseguido pelo Batman. Ao entrar em contato com essa sombra, ele acaba se entregando, uma vez que não vê nenhuma qualidade positiva em seu ser, não há esperança, não há mais nada para lhe manter são. Quando ele emerge e remove sua máscara, é como se ele estivesse abdicando de suas personas, seu ego, para dar espaço a essa sombra, a essa loucura, ao riso.

Como vimos no capítulo sobre o ego, existem algumas maneiras de reagirmos ao encontro com a sombra, porém, neste caso, ele escolhe deixar a sombra agir, dominá-lo, afundando o ego e fazendo dessa sombra algo positivo para si mesmo. Assim, ele mergulha toda dor, culpa e frustração que teria que enfrentar ao retornar desse mergulho. O grande problema é que essa sombra se torna tão

inflada, tão grande e tão energética que o ego é totalmente soterrado. Tudo de perverso passa a se tornar certo e ele tenta a todo custo provar que basta apenas um trauma para levar todas as pessoas sãs a esse estado. Para isso temos um trecho muito interessante em que ele tenta provar seu ponto.

“[...] Lembrar é perigoso...Eu vejo o passado como um lugar cheio de ansiedade. [...] As lembranças são traiçoeiras! Num instante você está perdido num carnaval de prazeres, com o aroma da infância, os neons da puberdade... No outro, elas te levam a lugares onde você não quer ir... Onde a escuridão e o frio trazem à tona coisas que vocês gostariam de esquecer! As lembranças podem ser vis, repulsivas, brutais... Como crianças. Hahaha. [...] Mas podemos viver sem elas! A razão se sustenta nelas. Não encarar as lembranças é o mesmo que negar a razão! Mas e daí? Quem nos obriga a ser racionais? Não há cláusula de sanidade! Assim, quando você estiver em um desagradável trem de recordações, seguindo para lugares do seu passado onde o risco é insuportável... Lembre-se da loucura. Loucura é a saída de emergência! Você só precisa dar um passo para trás e fechar as portas com todas aquelas coisas horríveis que aconteceram... Presas lá dentro... Pra sempre.” (Moore, 2011, pág. 28).

Através desse trecho, podemos ver claramente o quanto essa sombra se tornou inflada e superior ao ego. Ele escolheu trancar todo o passado e suas lembranças, por serem dolorosas demais, para abraçar a loucura. A insanidade, a violência e a sexualidade reprimida se tornam sua válvula de escape e assim ele tenta fazer com os outros o mesmo. Fazer com que o Comissário de justiça Jim Gordon, que está como prisioneiro dele, também abrace essa insanidade, para que ele prove que qualquer pessoa, até mesmo aquela que é dita como a mais correta e detentora das regras e da justiça, pode vir a desistir de tudo, largar seus conceitos e mergulhar na sombra. O Coringa não tenta elaborar os conteúdos de sua sombra e nem os rejeitar, ele se torna ela. Por todo seu passado, talvez, essa tenha sido a escolha mais clara, porém, quando apesar de tudo que fez para Jim, percebe que este não abraçou o que ele chama de loucura e se mantém são, ele fica confuso,

desnorteado. É então que o Batman aparece e oferece o outro lado para ele, através do seguinte diálogo.

“Olá, Eu vim conversar. Estive pensando muito ultimamente. Sobre você... e eu. Sobre o que vai acontecer conosco no fim. Vamos acabar matando um ao outro, não? Talvez você me mate. Talvez eu o mate. Talvez mais cedo...talvez mais tarde.” (Moore, 2011, pág. 41~43).

“[...] Porque não é isso que quero... Porque estou cumprindo a lei. Entendeu? Eu não quero machucar você! Não quero que nenhum de nós mate o outro no final... Mas estamos esgotando as alternativas... E ambos sabemos disso! Talvez tudo dependa dessa noite. Talvez essa seja nossa última chance de parar. Se você não aproveitar, entraremos numa rota suicida que levará... Nós dois à morte. Mas não precisa terminar assim. Não sei o que tirou você dos trilhos, mas quem sabe? Talvez eu tenha estado lá também. Talvez eu possa ajudar. Podíamos trabalhar juntos. Eu podia reabilitar você. Não precisa ficar alienado de novo. Não precisa ficar sozinho. Não precisamos nos matar. O que acha?” (Moore, 2011, pág. 50~51)

Neste momento, podemos interpretar o Batman como fazendo o papel de ego, oferecendo uma chance de unificação, caso contrário um acabaria matando o outro de vez, assim como na história de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Uma vez que o ego foi soterrado e a sombra dominou, a psique tenta a todo custo se equilibrar para então buscar sua totalidade. Para isso acontecer é preciso que haja uma elaboração e reestruturação dessa psique. O Batman tenta se conciliar com o Coringa, como se o ego quisesse se unir à sombra para juntos elaborarem seus conflitos como na terceira opção dada por Edward C. Whitmont, onde a sombra e ego são integrados. Porém, o Coringa percebe que é tarde demais para ele e desiste, deixando com que o Batman assuma e o prenda, como se essa sombra tivesse voltado para a escuridão, deixando o ego assumir sua posição, novamente sendo simbolizado lindamente pelas ilustrações, onde as luzes vão sumindo e ficando tudo escuro de novo, enquanto a risada vai parando.

BATMAN: ASILO ARKHAM: Uma Séria Casa em um Sério Mundo

Enquanto em *Batman: A Piada Mortal*, vemos o Coringa se tornando sua Sombra e o Batman tendo o papel de Ego, tentando equilibrar e chegar em uma neutralidade com o Coringa/Sombra, aqui em *Asilo Arkham* veremos novamente o Batman e Coringa como Ego e Sombra, porém veremos a interação deles com o Inconsciente, onde o Coringa chama o Batman para adentrar e este teme pelo que irá encontrar lá.

A história se divide em duas frentes, contadas em partes. Uma das partes se refere ao passado do Asilo Arkham, contando sua origem por Amadeus Arkham, e a outra parte nos mostra o presente, onde todos os internos estão soltos e tomaram o manicômio, estando todos sobre as ordens do Coringa, o que faz com que o Batman se junte a eles. Para fazer esta análise irei separar as duas histórias e comentá-las separadamente para poder dar uma sequência mais linear. Primeiro começaremos com a história contada por Amadeus Arkham, o fundador do famoso manicômio do universo do Batman.

Começamos com Amadeus ainda criança tendo de cuidar de sua mãe, bem debilitada, enquanto vivia dentro da grande mansão Arkham, velha herança de família. Em um determinado momento, ele está indo levar comida para sua mãe, enquanto fala sobre seus sentimentos sobre a sua relação com o local e quando chega no quarto a vê devorando escaravelhos.

“Nos anos que se seguiram à morte de meu pai, creio que não estaria mentindo se dissesse que a mansão acabou se tornando meu mundo. Durante o longo período da doença de minha mãe, a casa sempre parecia tão vasta, tão real, que, em comparação, eu me sentia pouco mais que um fantasma assombrando seus corredores. Vagamente consciente de que algo podia existir além daquelas melancólicas paredes. Até aquela noite em 1901, quando vislumbrei aquele outro mundo. O mundo no lado negro. Aquele foi o momento em que, pela primeira vez, me senti sozinho. Muitos anos depois, quando aprendi o significado do escaravelho como símbolo do renascimento, percebi que ela só estava tentando se proteger de alguma coisa da única maneira que lhe fazia sentido. E foi então que

compreendi. Mamãe havia renascido naquele outro mundo. Um mundo de insondáveis sinais e presságios. De magia e terror. E símbolos misteriosos.” (Morrison, 2012, p.16~19).

Neste momento, podemos interpretar que este foi o primeiro momento em que Amadeus presenciou a existência de algo além da consciência, algo mais profundo, ele sentia que algo estava sempre à espreita, esperando o momento certo para aparecer. Quando ele vê sua mãe comendo os escaravelhos, ele percebe que esse algo já havia se manifestado, que ela havia se rendido para ele. Podemos aqui interpretar esse encontro com o desconhecido, esse “mundo de insondáveis sinais e presságios. De magia e terror. E símbolos misteriosos” (Morrison, 2012, p.19), como sendo o inconsciente. Esse inconsciente é a camada mais profunda de nossa psique, todos os nossos conteúdos mais profundos e inacessíveis se encontram lá, incluindo nossa sombra. Nesse momento, Amadeus vislumbrou pela primeira vez o contato com esse inconsciente, por isso essa impotência, essa sensação de solidão, pois o inconsciente demanda muita energia psíquica para suportar tudo que ali está.

A história segue então para 19 anos depois, com Amadeus voltando para a velha mansão, pouco depois de sua mãe ter falecido. Então relata que acabou por herdar a mansão e passa sua primeira noite em seu antigo quarto, depois de 12 anos. Há muita melancolia e incômodo por estar ali, ele quer fazer algo pelos outros para que não sofram o que sua mãe sofreu, mas algo lhe assombra naquele lugar. Acessar o inconsciente sempre nos assombra. Amadeus volta a visitá-la muitos anos depois e algo ali ainda o inquieta.

Amadeus, nessa fase da vida, é um psiquiatra que trabalha em um hospital psiquiátrico em Metrópolis, outra cidade fictícia do universo das histórias da DC Comics. Ao receber um paciente que destruía os rostos e órgãos sexuais de suas vítimas, esse paciente lhe relata que havia sido estuprado e espancado por seu pai na infância e que tudo que ele fazia era a mando da Virgem Maria. Nesse momento Amadeus se dá conta do que deve fazer, ele quer ajudar a todos que têm como único crime a doença mental e que não têm futuro no sistema penal, então resolve voltar para a antiga mansão e fazer dela um lar para essas pessoas.

“Naquela noite, sonho que sou uma criança novamente. Perdido num parque de diversões, me vejo na sala dos espelhos. Há estranhos no espelho e fico paralisado, sem coragem de dar mais um passo. [...] Naquela noite, sonho ainda que as pessoas do espelho escapam e vêm atrás de mim. Acordo, suando e adulto. E, por um momento... só por um momento... sinto como se estivesse de volta ao meu lugar. Na velha mansão.” (Morrison, 2012, p.30~31).

Os sonhos são manifestações do inconsciente, eles trazem conteúdos que estão ocultos a nós, conteúdos ligados à nossa sombra e nossos complexos e que de certa maneira querem se tornar conscientes. Quando Amadeus sonha e acorda, relatando ter se sentido de volta a velha mansão é porque de fato ele esteve lá, ele revisitou o inconsciente através de seu sonho.

“Miguel e seus anjos pelejavam contra o Dragão; e o Dragão com seus anjos pelejava. E o Grande Dragão foi banido, aquela antiga serpente chamada Diabo, e Satanás, que seduz todo mundo.’ Assim como o Arcanjo subjugou o antigo Dragão, eu dobrarei esta casa à minha vontade. Eu tratei luz a estes corredores lúgubres da minha infância. Abrirei as portas trancadas e preencherei os quartos vazios. Redefinirei a imagem deste lugar, tornando-o um triunfo da razão sobre o irracional.” (Morrison, 2012, p.45).

Amadeus, a essa altura, já retornou à sua velha mansão e está decidido a modificá-la, transformá-la. Como já falamos, a mansão representa o inconsciente e nunca é tão simples assim transformá-lo, ele possui tudo o que rejeitamos, todos os nossos traumas, medos e nossa sombra, o nosso “outro-eu”. Nesse momento podemos ver, através dos desenhos uma carta de baralho que remete ao Coringa, a qual podemos interpretar essa carta como um sinal dessa sombra, nossa sacola profunda que está sempre à espreita para surgir quando se abre espaço e é exatamente isso que Amadeus está fazendo; ele está querendo subjugar a velha mansão, está querendo subjugar seus conteúdos inconscientes.

Após esse momento, vemos Amadeus viajando para a Europa, onde ele relata ter se encontrado com Jung e depois com Aleister Crowley. Ao voltar para casa, recebe uma ligação da polícia dizendo que seu antigo paciente havia fugido, ele então apenas fala que o rapaz é extremamente perigoso e que o deixa nas mãos da polícia, não sendo problema dele. Tempos depois, ao voltar para casa, Amadeus encontra a porta da mansão aberta, e ao procurar por sua esposa e sua filha, as vê brutalmente assassinadas. Primeiro ele vê sua esposa, depois sua filha indescritivelmente violentada e com sua cabeça posta dentro de uma casa de bonecas, olhando para ele.

“Vagarosamente e metodicamente eu ponho o vestido de noiva de minha mãe. Ajoelho-me diante daquele matadouro infantil. Tudo parece perfeitamente racional. Perfeitamente, perfeitamente racional.” (Morrison, 2012, p.66).

Como vimos no capítulo de sombra, um ego frágil pode facilmente sucumbir a um grande trauma. Amadeus, vendo sua família brutalmente assassinada, se perde, se vê sozinho novamente e com medo, muito medo. Ele tenta racionalizar diante de tudo aquilo, mas não consegue, tem medo de adoecer, assim como sua mãe adoeceu dentro daquela velha mansão. Mesmo assim, ele segue em frente com seu plano de abrir as portas da mansão e inaugura o Asilo Elisabeth Arkham, em homenagem à sua mãe. Seu primeiro paciente é o que fugiu da polícia e quem foi o responsável pelo assassinato de sua família. Amadeus conta o quanto ele se delicia contando o ocorrido e, mesmo assim, ele o trata por seis meses, até que exatamente um ano após o ocorrido, Amadeus o amarra no leito de eletrochoque e o eletrocuta até queimar. Mesmo depois disso, Amadeus diz não sentir nada.

Amadeus tenta se relacionar com a sua sombra, seu paciente louco representa isso, mesmo após tudo que ele fez, Amadeus ainda tentou trazê-lo para a luz, até que não resistiu e preferiu soterrar essa sombra, devido à intensidade dela. Mas essa sombra sempre volta, cedo ou tarde.

“Faço a ronda pelos corredores, entre as três e quatro horas da manhã. Visito a sala secreta frequentemente para manter meu

diário atualizado. Rotina é importante, penso eu. Uma boa dose de rotina desvia a mente de pensamentos mórbidos. Às vezes, estou certo de ouvir uma gargalhada histérica vinda de uma cela que eu sei estar vazia. Eu cubro com uma fita adesiva o espelho no meu estúdio. A gargalhada cessa. E eu volto às minhas perambulações rituais. Meus movimentos pela casa se tornaram tão formais quanto um balé, e sinto que sou agora parte essencial de algum processo biológico incompreensível. A casa é um organismo faminto por loucura. É o labirinto que sonha. E eu estou perdido.” (Morrison, 2012, p.78~79).

Amadeus tenta a todo custo segurar sua sombra, negá-la. Tenta se manter são através da rotina, evitando que pensamentos ruins lhe venham à mente, silencia a gargalhada que vem de seu “quarto vazio”, ocultando o espelho para não se encarar, não ver o seu “outro eu”. Seu ego está quebrado, sua consciência não aguenta mais a realidade e ele se sente perdido nesse labirinto chamado inconsciente. Então começa a etapa final de sua queda:

“[...] Quarenta minutos se passaram desde que ingeri 3 porções de cogumelo amanita. Não fez efeito ainda. Abruptamente, eu me convenço de que a casa está viva e tentando se comunicar comigo. Uma pressão na nuca faz com que eu me vire. Em seu pequeno universo compacto, dois imensos peixes-palhaços deslizam um de encontro ao outro. E formam o signo de peixes. Peixes! A atribuição astrológica da carta da lua no tarô! O símbolo de julgamento e iniciação. Morte e renascimento. Foi-me mostrado o caminho. Devo seguir para onde ele leva. Como Parsifal, devo confrontar o irracional que me ameaça. Devo penetrar na torre negra. Sem olhar para trás. E encarar o dragão que há lá dentro. Só tenho um medo... E se eu não for forte o bastante para derrotá-lo? O que acontecerá? A droga se firma. Eu me sinto pequeno e atemorizado. Talvez eu tenha feito a coisa errada. Em algum lugar, não muito longe, o dragão lança seu terrível peso pelos corredores do manicômio. Sou erguido numa onda de perfeito terror. E o mundo explode. Não há nada em que me apoiar. Nenhuma âncora. [...]

Preciso ver meu reflexo para provar que ainda existo. Lá fora, ouço o dragão se aproximando cada vez mais. Desesperadamente, retiro as fitas do espelho, tira por tira, quebrando minhas unhas. Até me revelar no vidro. Eu me deparo com olhos familiares. Mamãe! Devo ter desmaiado então, porque é manhã quando torno a abrir os olhos. Não posso mais dizer onde o dragão termina... e eu começo. [...] De repente, a revelação tão ansiada vem em forma de recordação que minha mente havia suprimido.” (Morrison, 2012, p.85~88, 93~95).

Enfim Amadeus não aguenta mais e é tomado pela sombra que o persegue implacavelmente. Quanto mais ele tentou negá-la, mais forte ela se tornou. Ele precisou morrer para renascer, precisou abdicar se sua sanidade, seu ego, para então dar espaço para esse dragão que o perseguia. Só então ele foi capaz de acessar o que estava mais profundamente guardado em seu inconsciente, sua lembrança mais vil. Na sequência, é revelado que foi ele o responsável pela morte de sua mãe. Cansado de vê-la sofrer, alucinando e totalmente tomada pela demência, ele prefere pôr um fim ao seu sofrimento. Esse era seu maior segredo, aquilo que sua consciência mais tentou afastar e ele, ao tentar a todo custo, dominar e revirar o inconsciente, tentando domar sua sombra, acabou por lembrar.

“Agora percebo do que minha memória tentou me manter afastado. A loucura vem do sangue. É meu direito de nascença. Minha herança. Meu destino. Eu contarei as presenças que vagam por esses quartos e escadas estreitas. Eu as cercarei com barras, muralhas e cercas eletrificadas, e rezarei para que jamais escapem. Eu sou a noiva do dragão, o filho da viúva. [...] Tenho pena das pobres sombras confinadas na prisão euclidiana que é a sanidade. Todas as coisas são possíveis aqui, e eu sou aquilo que a loucura fez de mim. Inteiro. Completo. E livre, afinal.” (Morrison, 2012, p.99, 103~104).

Assim como o Coringa na análise anterior, Amadeus também acaba se tornando sua sombra. Ele abraça a loucura para não ter que lidar com a realidade, ele passa seus dias finais trancado em Arkham, seu inconsciente livre, enfim, se

sentindo completo, sem ter que lutar mais com todas as verdades e conflitos que seu ego sofria quando se encontrava com a sombra. Mas e quanto ao Batman, será que este também acabará por sucumbir em Arkham? Será que sua sombra, o Coringa, será mais forte? Veremos isto agora na segunda parte dessa análise.

No presente, contado no arco, temos o Coringa dominando o Asilo Arkham. Então, Batman se junta com o comissário de polícia de Gotham, James Gordon, para conversar com o Coringa por telefone, que chantageia Batman para que ele vá e se junte aos loucos no Asilo. Batman se vê sem opções e é questionado por Gordon, que lhe diz ser totalmente compreensivo se ele estiver com medo de entrar em Arkham, podendo então mandar uma equipe da SWAT.

“Medo’? Batman não tem medo de nada. Sou eu. É de mim que tenho medo. Medo de que o Coringa esteja certo sobre mim. Às vezes, questiono a racionalidade de minhas ações. Tenho medo de que, quando atravessar os porões do asilo... quando entrar no Arkham e as portas se fecharem atrás de mim... eu me sinta voltando para casa.” (Morrison, 2012, p.25).

Batman teme entrar em Arkham, pois sabe o quão penoso é enfrentar a si mesmo, suas memórias. Assim como Amadeus, que tentou subjugar Arkham, seu inconsciente e sua sombra, Batman tem medo de falhar e se tornar aquilo que tanto luta contra, seus maiores inimigos, sua sombra, o Coringa.

Quando Batman chega ao asilo, Coringa já o espera de braços abertos, cheio de piadas e gracejos. Batman tenta ignorá-lo e evitá-lo, por representar tudo o que mais abomina. Enquanto o Batman é sério, centrado e convicto de suas crenças, assim como o ego, o Coringa representa todo o oposto, ele é a espontaneidade, a insanidade, a perversão. Quando este abre as portas de Arkham para o Batman, ele lhe diz que agora o Batman está entrando no mundo real, e que os loucos dominaram o asilo. Batman entra no que tem de mais profundo em si mesmo, seu próprio inconsciente para enfrentar seus inimigos, seus temores.

Quando vemos Arkham, somos apresentados a um lugar repleto de imagens, símbolos e pensamentos diversos. No decorrer da história, nos é apresentado dois funcionários de Arkham, a psicoterapeuta Ruth Adams e o Doutor Cavendish.

Ambos escolheram ficar lá dentro por conta própria, pois é ali onde trabalham e acreditam que podem fazer a diferença. Em seguida, nos é mostrado o Duas-Caras, outro grande vilão do Batman, que sofre de uma dualidade muito grande, tendo como centro de decisões uma moeda. Porém agora, ele não tem mais uma moeda para tomar suas decisões e, sim, um baralho de tarô, mas com tantas opções, ele não consegue mais tomar simples decisões como ir ao banheiro sem consultar as cartas e acaba fazendo sua necessidade ali mesmo, no meio de tudo. Batman questiona o trabalho que está sendo feito e a psicoterapeuta lhe diz que às vezes é preciso destruir uma personalidade para então reconstruir outra. Batman então questiona sobre o Coringa e ela responde:

“O Coringa é um caso especial. Muitos de nós acreditam que ele está além de qualquer tratamento. Na verdade, não estamos nem certos de que ele possa ser definido como insano. [...] Começamos a suspeitar de que ele possa ser uma doença neurológica semelhante à Síndrome de Tourette. É bem possível que estejamos diante de um caso de su-personalidade. Uma nova e brilhante modificação da percepção humana. Mais adequada à vida urbana no fim do século vinte. Diferente de você ou de mim, o Coringa não parece ter controle sobre as informações sensoriais que recebe no mundo externo. Sua mente só pode lidar com a barragem caótica de estímulos deixando-se levar pelo fluxo. Por isso, em alguns dias ele é um palhaço infantil e, em outros, um psicopata assassino. O Coringa não tem uma personalidade verdadeira. Ele se recria todos os dias. O Coringa se vê como o mestre do desgoverno, e o mundo como um teatro do absurdo.” (Morrison, 2012, p.42~43).

Assim como o Coringa, nossa sombra é uma personalidade formada de tudo que rejeitamos, cheia de conteúdos acumulados ao longo de nossas vidas e que continuará a existir e a crescer até nossa morte. Manter-se são nos dias de hoje é uma tarefa árdua, pois somos constantemente bombardeados com informações de todos os lados, tanto interno, quanto externamente. O Coringa quer então mergulhar fundo na mente do Homem-Morcego, e ordena que a psicoterapeuta faça um teste de associação de palavras.

“Mãe. Ah, Pérola. Mão. Revólver. Arma. Pai. Pai? Morte. Fim. Pare. Pare.” (Morrison, 2012, p.48~49).

Mexer no passado traumático pode ser doloroso para um ego frágil. Batman, nesse momento, é chamado a revisitar seu maior trauma: a morte de seus pais enquanto era criança. Através da associação de palavras, ele lembra do ocorrido e isso é demais para ele. Ele está frágil, está em um ambiente hostil, está andando por becos escuros do inconsciente, com a sombra sempre atrás, bombardeando-lhe de tudo que sempre rejeitou. Após esse momento, já fragilizado, Coringa o manda andar e explorar os corredores tortuosos de Arkham, antes que seus inimigos corram atrás dele. Ele deverá mergulhar fundo e enfrentar tudo de mais profundo que ali existe.

À medida que o Batman avança por Arkham, mais pesadas vão ficando suas lembranças. Sua mente é constantemente atacada pela lembrança daquele dia em que seus pais morreram. A dor é tanta que ele teme perder a lucidez, forçando-se a se cortar, perfurando sua mão com um pedaço de vidro, para aliviar sua mente. Na sequência, aparece o Cara de Barro, desfigurado, fraco, pedindo por ajuda a Batman. Este tenta a todo custo evitar o contato, não quer ser contaminado por ele, chegando até mesmo a ser hostil e quebrando a perna do Cara de Barro, para que este não o persiga mais. Logo depois, aparece o Doutor Destino, preso em cadeiras de rodas, procurando pelo Cara de Barro para que ele o empurrasse. Batman fica escondido e no momento em que o Destino passa por ele, ele o empurra escada abaixo. Nesse momento, podemos interpretar como se o Batman não quisesse encarar seu destino, ele quer parar com aquilo, não quer mais caminhar por seu inconsciente, não quer ver o que o destino lhe destina. Logo depois, ele se encontra com o Espantalho e ainda com o Chapeleiro Louco.

“...onde é que você está? Fico feliz que você tenha vindo. Tenho tantas coisas para te dizer. Deve estar se sentindo bem frágil agora, espero. Esta casa... mexe com nossa cabeça. Agora onde eu estava? Onde eu estou? Onde estarei? Ah, sim. A aparente

desordem do universo é só uma ordem mais elevada. Uma intrincada ordem além da nossa compreensão. Por isso as crianças... me interessam. São todas loucas, mas, em cada uma, há um adulto intrincado. Ordem gerada do caos. Ou será o caos gerando ordem? Conhece-las é conhecer a mim mesmo. [...] Às vezes, acho que o asilo é uma cabeça. Estamos dentro de uma cabeça que nos sonha. Talvez seja a sua cabeça, Batman. Arkham é um país dos espelhos. E nós somos você." (Morrison, 2012, p.74~75).

Como já dissemos, Arkham é o inconsciente, esse trecho nos dá uma base para sustentar essa ideia. O Chapeleiro sabe que o Batman está frágil, e lidar com seus maiores medos é algo muito pesado, até mesmo para ele. Quando ele diz que o asilo é uma cabeça que sonha, não é à toa, já que os sonhos são projeções do nosso inconsciente. Os sonhos são a forma mais legítima da manifestação do inconsciente, nos trazendo informações de nossa sombra, complexos e conflitos. Batman está ali de fato tendo que lidar com um espelho, consigo mesmo. Quando o Coringa manda que os outros vilões persigam Batman, é na verdade a sombra querendo confrontar o ego, jogando-lhe versões reprimidas dele mesmo, versões de nós mesmos que evitamos a todo custo encarar.

Após esse encontro, Batman entra em uma camada ainda mais profunda, ele encontra com seu próprio Deus interior, sua religiosidade e crenças que sempre reprimiu. Aqui sendo interpretado por Zeus, outro detento internado em Arkham. Depois, um dos momentos mais importantes para a batalha interna que Batman trava no asilo, seu encontro com o Crocodilo. Esse é o momento mais difícil para Batman, assim como foi para Amadeus, aqui o Crocodilo é para o Batman o mesmo que o dragão que Amadeus tanto falava. O grande dragão, implacável e terrível. Batman luta com todas as suas forças para não sucumbir a esta terrível ameaça. A parte mais densa e perigosa que a sombra lhe reservou. Batman é então arremessado para longe, atravessando uma das janelas do asilo e se agarrando com todas as forças no parapeito da velha mansão. Com um esforço sobre-humano ele se ergue novamente, tudo lindamente ilustrado com raios e uma densa chuva. Batman olha para frente e se vê diante de uma grande estátua de Miguel sobrepujando o dragão, Lúcifer, com uma magnífica lança de metal. Na sequência,

Batman retorna ao interior de Arkham e pula sobre o Crocodilo, que o rebate para longe e parte ferozmente ao encontro de Batman, com toda a força que lhe resta, Batman ergue a lança e usando todo o peso e projeção que o Crocodilo faz sobre ele, acaba conseguindo empalá-lo, porém, o peso de seu corpo faz com que a outra ponta da lança o perfure. Batman agoniza de dor, ambos se balançam perfurados pela mesma lança, até que essa se parte ao meio e, com a força dessa ruptura, Crocodilo é lançado para fora da mansão enquanto Batman cai, exausto. Batman aqui enfrentou seu mais difícil desafio: para se reerguer, teve que achar forças além das que ele já possuía, teve que sair de Arkham, ser jogado do inconsciente para buscar meios de voltar e lutar.

Batman, com as forças que lhe restam, segue em frente para seu derradeiro embate. Ao entrar na sala secreta de Amadeus Arkham, encontra o Doutor Cavendish segurando Ruth com uma navalha em seu pescoço. Batman o indaga do porquê daquilo. O médico lhe responde que ele fez isso porque precisava fazer, que soltou todos os maníacos e havia preparado uma armadilha para o Batman. Ele lhe pede que ele leia a página marcada no diário de Amadeus Arkham:

“É 1920. Árvores se agitam na escuridão sob o céu intranquilo. A chuva chacoalha as janelas. Por quê? Porque eu venho aqui? Então por que eu tenho medo Debaixo da cama, grandes asas começam a bater. Eu não estou louco. Eu não estou louco. Mas, que Deus me ajude... eu estou vendo. Estou vendo a criatura que apavorou e atormentou minha pobre mãe por tantos anos. Eu vejo. E é um morcego. Um morcego!” (Morrison, 2012, p.96~97).

Amadeus, quando é jogado na mais profunda lembrança que seu inconsciente guardava, lembrou-se do momento em que assassinou sua mãe e lá, durante a lembrança também pôde afirmar ter visto a imagem que tanto a atormentou: um grande e assustador morcego. Cavendish então assume que esse morcego era o Batman, que ele é o culpado por todo o terror que acontece em Arkham até hoje. Batman não consegue aceitar, ele não aceita ser o culpado por isso, ele é apenas um homem tentando fazer o certo pelos inocentes. Neste momento, ao fundo do desenho, atrás de Batman aparece uma imagem de Cristo.

Como alguém que tentou fazer o melhor por todos. Porém, nem mesmo Batman estava se compreendendo, ele estava fraco, perdido, exausto de tanto lutar contra aquela velha mansão chamada inconsciente. Cavendish então assume o papel de acabar com o Batman, pôr um fim aos tormentos que o morcego sempre causou, e parte para cima dele. Batman conseguiria facilmente desarmar um simples homem com uma navalha, mas aqui, ele não está enfrentando um simples homem com uma navalha, ele está enfrentando sua maior fraqueza: a si mesmo. Quando Cavendish diz que ele é todo o mal que existe, seu ego sucumbe de vez, tudo que ele acreditava é esvaçado. Cavendish então começa a enforçar o Homem-Morcego que, desesperado, clama por ajuda, na esperança que alguma parte dele mesmo o ajude a resistir à pressão esmagadora que a sombra lançou sobre ele. Nesse momento, Ruth recupera a navalha perdida por Cavendish e dilacera sua garganta, Batman é salvo pela pessoa mais sã daquele lugar. Ela foi a luz que o ego precisava para se reequilibrar, para se reintegrar. Batman levanta, diferente, renascido. Eles caminham para uma das saídas secretas de Arkham e, antes de se despedirem, Batman pede que ela lhe entregue a moeda do Duas-Caras.

“Você vai voltar, não? Vai desfazer todo meu trabalho... O que é você? Sou mais forte do que eles. Do que este lugar. Eles precisam saber. Isso é loucura. Sim. Arkham tinha razão. Às vezes, é só a loucura o que nos define. Ou, talvez o destino.” (Morrison, 2012, p.108~109).

Batman ainda não pode deixar Arkham. Ele precisa mostrar à sua sombra que ele manda ali, que ele é capaz de se manter íntegro físico e psiquicamente. Então ele volta, destruindo portas e janelas da velha mansão. Os internos correm com medo para perto do Coringa, que o encara admirado. Batman chega até ele, solta o machado e diz que estão livres. Aqui, Batman está completo, pleno. Seu ego foi totalmente restruturado. Após longas provocações, após enfrentar o dragão e a si mesmo, ele se reencontrou. Ele assumiu o morcego que Amadeus tanto temeu. Coringa então tenta lhe provocar uma última vez, dizendo que sempre estiveram livres, mas indaga quanto a ele, se ele está livre ou se deve vestir definitivamente uma camisa de força. Batman então joga a velha moeda para o Duas-Caras,

pedindo que ele decida seu destino. Batman, aquele mesmo que antes empurrou e correu do destino, agora o enfrenta sem medo. Um ego forte é capaz de se manter integrado com a sombra e o que mais lhe for apresentado. Acaba que a moeda cai do lado intacto, o lado que o libertaria. Batman precisava devolver a moeda ao Duas-Caras pois, assim como ele, o próprio Batman vive uma dualidade, tendo que viver como Bruce Wayne e Batman. O Duas-Caras representa isso e, ao se ver livre, ele vê que tomou a decisão certa, ao integrar si mesmo como morcego, agora pode ser livre para ser esse duplo. Coringa caminha com ele até a saída.

“A separação é um momento tão triste, meu amor. Mas você não pode reclamar que não se divertiu. Vá curtir a vida lá fora. No asilo. E não esqueça que se a barra pesar... sempre vai ter um lugarzinho para você aqui.” (Morrison, 2012, p.115).

Batman está livre, em paz com a sua sombra e pode finalmente sair do asilo, mas sabendo que sempre terá para onde voltar, caso não aguarde as pressões do mundo externo; o lugar que o Coringa chama de “asilo”. As imagens caminham para o encerramento, com o Duas-Caras derrubando seu castelo de cartas, deixando a última imagem fechada na carta da lua, com um escaravelho, o símbolo de renascimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Aquilo que não fazemos aflorar à consciência aparece em nossas vidas como destino.”

(C. G. Jung)

Como pudemos ver, o trabalho trouxe uma compilação sobre ego e sombra, onde observamos suas relações, conceitos, elaborações, funções e ações dentro da psique. Ambos são dois grandes conceitos da psicologia analítica, e têm grande função na elaboração dos conceitos criados por Jung.

O ego é o centro de nossa consciência, ele é o centro organizador de todo seu conteúdo e para que algo se torne consciente, precisa passar e ser elaborado por ele. Porém, o ego não é perfeito, infalível e infinito, ele tem limitações e fraquezas. Uma vez que ele esbarra no desconhecido do inconsciente, ele se torna limitado, sem ação, pois está entrando em zonas não habitáveis com conteúdos que foram descartados por ele, por não caberem à consciência. Nesse inconsciente, temos as nossas sombras, um “outro-eu” maligno, nosso oposto, nossas características descartadas.

Essa sombra pode a qualquer momento surgir para assombrar o ego e trazer estes conteúdos internos, fazendo com que o ego se fragilize, se perca, se transforme. Essa transformação pode se dar de duas maneiras, uma é com o ego assimilando o que a sombra lhe trouxer, trabalhando seus elementos e fazendo com que tudo se torne consciente, fazendo assim uma unificação desses elementos; a outra é com a sombra controlando o ego, emergindo do inconsciente com tamanha energia psíquica que acaba por modificar o ego.

Tais conceitos puderam ser apontados, mostrados e narrados de forma lúdica com as duas histórias do universo do Batman, onde foi mostrado a relação do Batman com o Coringa. Batman e Coringa aqui foram interpretados como ego e sombra, respectivamente.

Na primeira história, vimos como o Coringa se tornou o vilão que conhecemos, vimos o quanto os seus traumas vividos no passado foram avassaladores para o ego, a ponto de que a única alternativa fosse se render à sombra, deixando com que ela assumisse e colocasse para fora tudo aquilo que ele reprimia, transformando-o em outro alguém, que é completamente oposto ao que ele

era antes de mergulhar no inconsciente. Na sequência, observamos as consequências dessa ruptura na psique, o quão insano ele se tornou, a ponto de querer provar que todos podem sucumbir à loucura e à insanidade quando esse ego é confrontado com grandes traumas. Batman aparece representando o ego, trazendo para ele a chance de uma reconciliação, após mostrar que ele estava errado e que seu plano havia dado errado. Batman coloca seu ponto de vista sobre ambos, que um poderia ajudar o outro e juntos melhorarem, porém, o Coringa desiste, a sombra recua, perdendo energia, permitindo que o ego se reestruture, assim ela acaba voltando para o inconsciente.

Na segunda história, Batman: Asilo Arkham: Uma séria casa em um Sério Mundo, vemos dois momentos distintos, que se complementam. O passado de Amadeus Arkham e como ele acaba sucumbindo ao asilo, ao seu próprio inconsciente. Nessa etapa, pude mostrar a relação que o inconsciente exerce sobre nós e como a sombra age lá dentro. Depois temos Batman entrando no asilo e tendo que enfrentar todos os desafios que o Coringa, sua sombra, prepara para ele. A cruzada é tortuosa e torturante para Batman, pois se perder, cair, se reinventar e se reestruturar são tarefas penosas para qualquer um, até mesmo para ele. No fim, ele renasce mais forte, assumindo no ego sua própria loucura, ou destino. Ele se reconhece como o grande morcego e deixa de temer os desafios de sua sombra, se integrando a ela, achando um ponto de paz, de rendição, conseguindo assim se libertar do asilo, do inconsciente.

Fazer este trabalho, ter a chance de me aprofundar nestes dois temas da psicologia analítica e poder usar dois personagens icônicos e especiais para mim foi uma grande experiência. Ambas as histórias nos dão elementos muito únicos e profundos. Usar elementos midiáticos servem como um bom exercício para se observar, absorver, compreender e estudar de forma mais lúdica os conceitos vistos dentro da psicologia.

A partir desse trabalho, seria possível observar e analisar vários outros elementos da psicologia analítica, usando ainda esses dois personagens como exemplo. Os conceitos de anima e animus, persona, complexos e arquétipos poderiam ser facilmente adaptados aqui, uma vez que tais histórias e personagens deixam margens para isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOHNSON, R. A. **Magia Interior**: como dominar o lado sombrio da psique. São Paulo: Mercury, 1996.

JUNG, C. G. **Aion** – estudo sobre o simbolismo do si-mesmo, 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, C. G. **Psicologia do Inconsciente**, 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C. G. **Recuerdos, Sueños, Pensamientos**, Barcelona: Seix Barral, 2001. Disponível em: <<http://www.formarse.com.ar/libros/libros-Jung/JungCarlGustavRecuerdosSueosPensamientos.PDF>>. Acesso em: 10 out. 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados, 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MEZAN, R. Que significa "pesquisa" em Psicanálise? In: SILVA, Maria E. L. da. **Investigação e Psicanálise**, p. 49-89. Campinas: Papirus, 1993.

MOORE, A. **Batman: A Piada Mortal**. Barueri: Panini, 2011.

MOORISON, G. **Batman: Asilo Arkham**: uma séria casa em um sério mundo. Barueri: Panini Books, 2012.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática, 6. ed revisada e ampliada. Campinas: Papirus, 2000.

PAULUSSI, E. **Batman 75 anos: o início e legado do Homem-Morcego**. 2017. Disponível em: <<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2014/05/batman-75-anos-o-inicio-e-legado-do-homem-morcego.html>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

PENNA, E. M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, 16 (3), p. 71-94, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v16n3/v16n3a05>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

PENNA, E. M. D. Pesquisa em psicologia analítica: reflexões sobre o inconsciente do pesquisador. **Boletim de Psicologia**, 57 (127), São Paulo: Dezembro, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432007000200002>. Acesso em: 02 mai. 2018.

RIBEIRO, J. S. **A controversa criação do Coringa**. 2016. Disponível em: <<http://www.mansaowayne.com.br/2016/10/20/a-polemica-origem-e-criacao-do-coringa/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma**: uma introdução, 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VERGUEIRO, W. **Batman**: Os criadores clássicos. 2005. Disponível em: <<https://omelete.com.br/quadrinhos/artigo/batman-os-criadores-classicos/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

VON FRANZ, M.L. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulinas, 1985.

ZWEIG, C; ABRAMS, J. **Ao Encontro da Sombra**: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Cultrix, 1991.

ZWEIG, C; WOLF, S. **O Jogo das Sombras**: iluminando o lado escuro da alma. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.